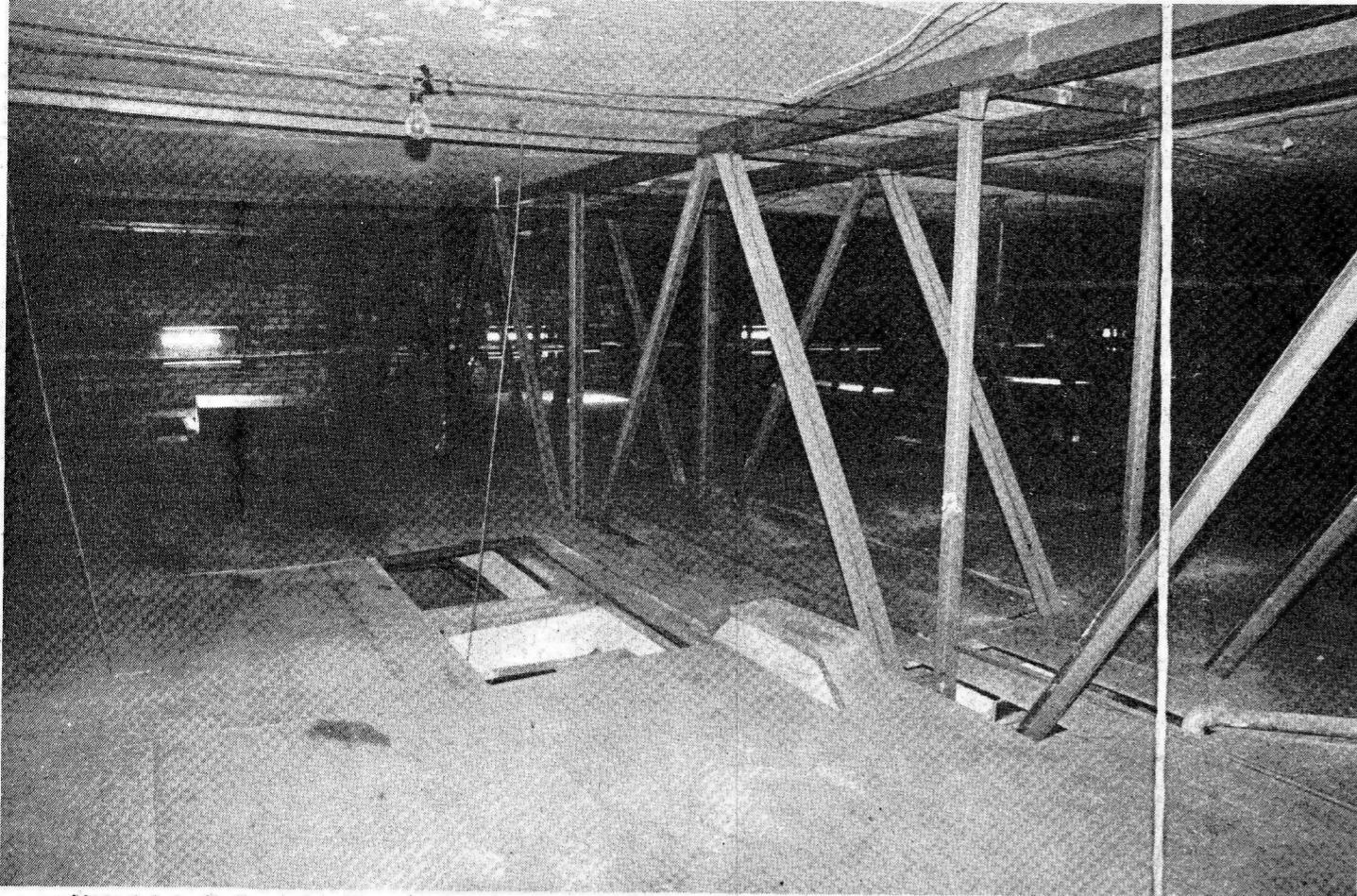


# Recursos para a reforma dependem de Funaro

VALERIO AYRES



Material de fácil combustão, a estrutura de madeira nos andares intermediários é sempre um risco de incêndio

## Integração pode ficar sem o HFA e o Sarah

Construção de mais hospitais na periferia do Distrito Federal. Esta é a principal alternativa para a solução do problema hospitalar na capital do País, segundo opinião do presidente do Sindicato dos Médicos, Carlos Saraiva e Saraiva. Paralelo a esta medida, o Governo do Distrito Federal deve fazer uma política de recursos humanos, na visão do presidente do Sindimed.

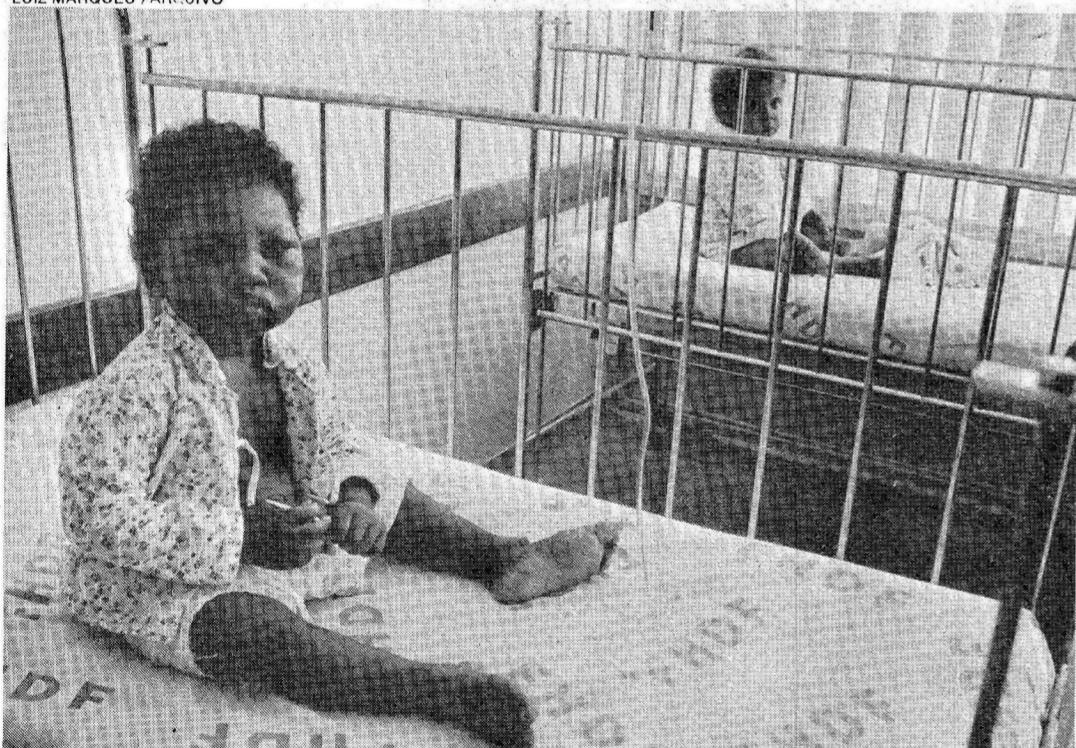
Isto sendo aplicado significa a saúde para os problemas básicos, observou Saraiva, acrescentando que a intenção do governador de integrar todas as unidades da Fundação Hospitalar para melhorar a saúde do Hospital de Base de Brasília deve incluir, também, o Hospital das Forças Armadas e o Sarah Kubitschek.

O presidente do Sindicato dos

Médicos está preocupado com a possibilidade de o Hospital das Forças Armadas e o Sarah Kubitschek não entrarem para a "integração do sistema de saúde" em razão de pressões políticas muito fortes. No caso do Sarah Kubitschek, segundo Carlos Saraiva, o diretor Campos da Paz tem uma força política muito grande, "e lá ninguém mexe". No HFA, Saraiva acredita que as próprias Forças Armadas pressionem para que fique de fora da "integração".

Além disso, o presidente do Sindimed levantou outro problema: o quarto andar do Hospital Sarah Kubitschek foi desativado no ano passado por falta de médicos e paramédicos. Ele pergunta como o hospital vai abrigar doentes do HBB durante a reforma se já existem alguns problemas de pessoal.

LUIZ MARQUES / ARQUIVO



O garoto que caiu do sétimo andar do hospital: vítima da desorganização atual

## Até Magalhães Pinto ficou lá

Hospital de Base já foi palco dos mais estranhos acontecimentos, causando indignação de uns e o espanto de quem não compreendia os fatos. Foi no HBB que o presidente Tancredo Neves fez questão de se internar para cuidar do seu divertículo de Meckel ainda não diagnosticado, e lá começaram os problemas, vindo a falecer no Instituto do Coração, em São Paulo. Estas e outras "fábulas" do hospital fizeram com que o deputado Magalhães Pinto, em 1982, afirmasse, ironizando, que o melhor hospital de Brasília é a ponte aérea. Mas o HBB continua a atender gente de todo o País e de toda a periferia do Distrito Federal.

O próprio Magalhães Pinto terminou sendo atendido no HBB, meses depois. E voltou para casa recuperado. Recuperado também ficou o menino Israel, filho de Francisco Cardoso dos Santos e Maria Ana Moreira. O menino, na época com dois anos e cinco meses, estava internado no 7º andar do HBB. Junto com um outro garoto conseguiu subir um andar e terminou despençando entre os dois prédios do hospital, caindo sobre o que a Fundação Hospitalar chama de grade de águas pluviais. O traumatismo no rosto foi grave, mas Israel terminou voltando para casa depois de cinco meses internado com problemas cardíacos.

A mesma sorte não teve Sebastião Pereira Nascimento, 75 anos, aposentado, que morreu um dia depois de cair de maca quando estava no boxe trés da Clínica Médica. Ele teve traumatismo craniano e morreu no dia 19 de julho do ano passado. A filha de Sebastião, Edileusa, deixou o pai bem disposto numa segundona e três dias depois voltou e ela estava sujo de sangue e com traumatismo craniano. Foi operado e não resistiu.

Em novembro do ano passado, durante a 2ª Jornada de Infecção Hospitalar, o presidente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do HBB, Eurico de Aguiar, anunciará que o índice de infecção naquele hospital atingiu quase 12 por cento dos internados. Mas os médicos prometeram continuar trabalhando para baixar este índice.

### ATRASO

Na quinta-feira, 24 de abril, o menino Edwan Lopes da Silva chegava ao Hospital de Base, por volta das 17h, tendo sido picado por uma jararaca. Sómente cinco horas depois o soro foi aplicado. Não tinha o medicamento na rede hospitalar. O soro antiofídico foi encontrado e doado (depois de muita pressão e uma primeira negativa) pelo Hospital das Forças Armadas. Edwan plorou e teve a perna esquerda amputada. Dias depois, mor-

reu. Há 15 dias o poeta e assessor do Ministério da Educação, Tarciso Meira César, chegou ao Hospital Regional da Asa Norte com uma hemorragia na garganta. Foi transferido para o HBB onde fica na Unidade de Tratamento Intensivo. Logo se assusta com a situação física da UTI. Paredes molhadas e com infiltração de água. Ficou internado improvável porque não existia mais lugar.

Tarciso Meira César relata que recebeu um bom tratamento por parte de médicos e enfermeiros. Alguns, segundo ele, chegaram ao ponto de abnegação e dedicação total à profissão. Mas as condições do hospital e o seu estado tenso por causa do medicamento e da doença fizeram com que tivesse até aguaceiras. Medo de ser operado naquelas condições. Felizmente Tarciso se recuperou sem necessidade de cirurgia e foi para o Hospital Santa Lúcia, depois de insistir com os médicos para ser transferido.

Mas ontem chegavam ao Hospital de Base dezenas de pessoas de vários lugares do Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Bahia, principalmente. Mesmo com o seu fechamento para reformas, o HBB vai continuar sendo o ponto de referência de muita gente que não pode pagar atendimento e até mesmo está atrasada com as prestações do INPS.

LUCIO BERNARDO



Aguiar: taxa perigosa

O pronto-socorro do Hospital de Base de Brasília será desativado gradativamente para as obras de reforma do prédio, orçadas em Cr\$ 90 milhões. Ontem pela manhã o governador José Aparecido reuniu-se durante uma hora no HBB com o secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, o diretor do Hospital, Márcio Palus Horta, e o secretário de Saúde em exercício e diretor da Fundação Hospitalar, João da Cruz, que lhe entregou o relatório elaborado pelo Departamento de Engenharia e Transportes da Fundação Hospitalar sobre o estado físico do prédio, a pedido da direção do HBB. Segundo João da Cruz, o Governador já entrou em contato com o Ministro da Fazenda para a liberação dos recursos necessários e espera resposta quando Dilson Funaro voltar da Argentina.

O Governador fez questão de atravessar a parte mais precária do HBB, entrando pela emergência do pronto-socorro. Após passar entre a fileira de macas colocadas nos dois lados do corredor da emergência, Aparecido chegou ao gabinete do diretor do Hospital. Lá, rece-

beu o relatório das mãos de João da Cruz, em frente a um quadro com a foto do ex-presidente Tancredo Neves, que, com uma expressão matreira, parecia divertir-se com a ironia da situação.

As obras para a reforma do pronto-socorro serão feitas através de convênio entre a Fundação Hospitalar e a Secretaria de Viação e Obras, que participou da construção da primeira fase do Hospital, em 1959. O secretário em exercício João da Cruz já está estudando o cronograma de desativação gradativa dos diversos setores do pronto-socorro e transferência de funcionários e pacientes para os outros hospitais da Fundação. As unidades da rede do Inamps e o Hospital das Forças Armadas também deverão entrar no circuito de atendimento a demanda do HBB, num esquema semelhante ao montado na época da greve dos médicos da Fundação.

"O Hospital Regional da Asa Norte tem mais de 100 leitos ociosos e o Presidente Médico também está com quase 100 leitos desativados", observa João da Cruz. Ele acredita que com a

transferência dos médicos e outros funcionários para estes hospitais será possível atender bem todos que hoje procuram o pronto-socorro do Hospital de Base. Segundo o secretário, o atendimento ambulatorial, feito na parte mais antiga do HBB, será mantido. Ele calcula em cerca de seis meses o prazo de conclusão das obras, "caso se trabalhe 24 horas por dia".

Somente o pronto-socorro atende uma média diária de 700 pessoas. Mas, Márcio Horta também acredita que sua desativação a curto prazo é perfeitamente viável, caso seja feita de forma planejada. Ele observa que, depois da reforma, o pronto-socorro do HBB passará a atender somente os casos graves de politraumatizados e pacientes que necessitam de atendimento mais especializado, enviados por outros hospitais. Isso, segundo seus cálculos, reduzirá o volume da demanda para cerca de 20 por cento. Márcio afirma que o HBB atende hoje pacientes graves e mais três ou quatro vezes esse número de casos simples, que deveriam ficar a cargo dos postos de saúde ou hospitais regionais.

## Risco de desabamento é iminente

A precariedade do sistema médico-hospitalar de Brasília por pouco não ocupa novamente as primeiras páginas da imprensa mundial. Menos de três meses depois de o menino Edwan morrer por demora na aplicação do soro antiofídico, o relatório elaborado pelo Departamento de Engenharia e Transportes da Fundação Hospitalar, a pedido da direção do HBB, sobre o estado físico do prédio, não dá margem a dúvidas: um acidente de graves proporções somente não aconteceu lá ainda por sorte, muita sorte.

Risco de desabamento, de incêndio, contaminação da água das caixas pela infiltração de esgotos de redes próximas, além de "contato direto dos ambientes de cirurgia e demais áreas de procedimentos médicos com o entrepiso, local de acúmulo de pó, fuligem, lixo e possivelmente insetos e roedores". Estes são alguns dos problemas apontados pelo relatório.

O diretor do Hospital das Forças Armadas, brigadeiro Rothier, está muito preocupado com a possibilidade de ter que voltar a colocar seu hospital à disposição de usuários da rede da Fundação Hospitalar, a exemplo do que aconteceu na greve dos médicos da FHDF. "Estou apreensivo, muito apreensivo com o que tenho lido nos jornais. Nossa experiência na greve nos mostrou que o HFA não pode sustentar por muito tempo a absorção do HBB", observa Rothier.

O diretor lembra que na época da greve o atendimento aos pacientes da FHDF inicialmente era de 30 a 40, e no final chegou a atingir 150. "Até há bem poucos dias atrás nós ainda tínhamos pacientes que entraram aqui na greve. Ficaram quase dois meses, sem retorno financeiro. Entramos pelo caño", conclui Rothier. Ele resalta, por outro lado, que o HFA tem toda a boa vontade e interesse em atender pacientes de qualquer hospital em casos de emergência, desde que isso não se torne rotina. "Durante a greve colocaram até uma placa na frente do HBB mandando os pacientes procurarem o HFA", indigna-se o brigadeiro.

Rothier afirma que o HFA já atingiu seu "limiar de atendimento". "Hoje, (ontem) dia 28, estou com a UTI, o Centro Cirúrgico e a Internação lotados. Temos desmarcado cirurgias eletivas devido à necessidade de realizar cirurgias de emergência encaminhadas por nosso pronto-socorro", observa o diretor. Ele diz que de dois anos para cá, "talvez até pelo aumento do custo dos procedimentos médicos", a procura cresceu muito e o hospital está tentando dificuldades para acompanhar o ritmo de aumento da demanda.

Além dos servidores militares, o Hospital das Forças Armadas atende a Presidência da República, embaixadas, adidos estrangeiros no Brasil, o Supremo Tribunal Federal, o Super-

rio, que indica ainda o colapso das instalações de água quente e fria, "totalmente corrodidas pelo desgaste de uso", e da rede de esgotos, que também necessita de "substituição total".

De acordo com o relatório, uma das áreas mais críticas do prédio é o piso em madeira existente entre os andares, onde localizam-se as instalações elétricas e hidráulicas. Nestes "entrepisos", ou "andares técnicos", perigosa convivência entre a rede elétrica e os vazamentos de água representa risco permanente de incêndio. Um simples curto-circuito no local em pouco tempo se transformaria em incêndio de difícil controle, alimentando pela madeira e lixo acumulados lá. Com a cumprida do Sistema de Previsão contra Incêndio, que encontra-se desativado, "com a central de comando danificada".

Caso não peguem fogo, os "entrepisos" podem literal-

mente desabar na cabeça dos funcionários e pacientes do andar inferior. O acúmulo de água dos vazamentos e falhas da época da construção, "que não seguiria o projeto original", põem em risco de vida tanto as pessoas que executam trabalhos de manutenção sobre eles como quem fica nos andares de baixo. O relatório observa que são conhecidos exemplos de quedas já ocorridas, "felizmente sem maiores consequências".

Além disso, o forro de gesso pendurado nos caibros que sustentam o madeiramento está totalmente comprometido, pela fragilidade da fixação, "verificando-se rachaduras generalizadas nas placas e freqüentes quedas das mesmas". O relatório aponta, ainda, a impossibilidade de limpar estes entrepisos convenientemente, o que "compromete os andares de atendimento de pacientes, inclusive salas de cirurgias".

## Brigadeiro teme pela demanda

VALERIO AYRES